

SOCIOLOGIA

GT 11: SOCIOLOGIA DO TRABALHO E RURALIDADES

Sessão 1: Trabalho

REFLEXOS DA VIDA MODERNA: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS DA MODERNIDADE NA IDENTIDADE E NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Gloriete Santos Scavichia –UNESP/Araraquara

Fomento: CNPQ

Este trabalho tem por escopo apresentar algumas considerações sobre o impacto da vida moderna na identidade do indivíduo e nas relações de trabalho, sob o olhar dos sociólogos contemporâneos Zygmunt Bauman, Anthony Giddens e Stuart Hall. Inicialmente, far-se-á um breve recorte sobre as transformações da identidade decorrente da vida moderna sob as perspectivas estudadas pelos sociólogos em análise e num segundo momento analisaremos como estas mudanças da vida moderna se refletem no mundo do trabalho. A delimitação deste tema objetiva estreitar um diálogo entre os três teóricos sociais contemporâneos, além de tratar-se de um desdobramento da pesquisa de dissertação de mestrado, cujo objeto de estudo é “A flexibilização das relações de trabalho a partir da década de 1970”. Por este viés analisaremos o indivíduo e sua relação no mundo do trabalho, no contexto da modernidade.

Introdução:

A discussão acerca da identidade nas ciências sociais ocupa, atualmente, lugar de destaque. Desse modo e diante da relevância que este tema sugere, objetiva-se neste trabalho apreender os nexos existentes entre a identidade numa perspectiva individual e laboral, segundo os sociólogos contemporâneos Zygmunt Bauman, Anthony Giddens e Stuart Hall.

Assim é que seguindo a argumentação de Hall (1998) pode-se dizer que a identidade torna-se um problema ainda mais relevante num contexto em que as identidades não mais se referem à grupos fechados, ou apenas identidades étnicas. Num mundo instável - numa sociedade de risco (BECK, 2003), numa modernidade líquida (BAUMAN, 2001) – as identidades e as relações construídas também se tornam instáveis.

Da mesma maneira, Giddens¹⁸⁹ entende que é impossível separar a constituição das sociedades modernas, em sua complexidade atual, sem levar em conta as consequências que a globalização ou os riscos sociais imprimem tanto ao indivíduo quanto à coletividade, contribuindo de forma decisiva para afetar os aspectos mais pessoais de nossa existência. Sua reflexão não está centrada no “eu” fruto de uma abordagem elevadamente psicológica, mas na importância do entendimento dos

¹⁸⁹ “Modernidade e Identidade”. Obra publicada em 2002, por Anthony Giddens.

mecanismos de auto-identidade que são constituídos pelas instituições da modernidade, influenciando também em sua constituição.

E é na obra *A Modernidade Líquida*, que Bauman¹⁹⁰ indica o fim da estabilidade e a concretização do reino da incerteza também no mundo do trabalho. Portanto, tal como as transformações na identidade, na atualidade, há igualmente uma evolução em curso no mundo do trabalho.

Neste trabalho serão contrapostas e associadas as idéias desses três autores acerca da modernidade. Começaremos debatendo diretamente as semelhanças e diferenças desses autores sobre a modernidade e seus reflexos individuais. Em seguida serão expostas questões subjacentes ao debate sobre o reflexo da modernidade no cotidiano laboral dos indivíduos.

A modernidade e seus reflexos na identidade: uma análise em Giddens, Bauman e Hall

Em que pesem os vários estudos acerca da modernidade e identidade, o fato é que não podemos tratar deste tema sem nos referir aos estudos realizados sistematicamente por Giddens, Bauman e Hall, que se debruçaram de forma profícua para análise desta temática, com toda a complexidade que este tema sugere.

Giddens (1991), conceitua modernidade como um modo de vida, costumes, e organização social, que emergiu na Europa por volta do século XVII e que se tornou mundial rapidamente (GIDDENS, 1991). Observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle. A modernidade transformou as relações sociais e também a percepção dos indivíduos e coletividades sobre a *segurança* e a *confiança*, bem como sobre os *perigos* e *riscos* do viver:

“A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais”.
(GIDDENS, 2002: 38)

Para Giddens, não basta inventar novas palavras para explicar estes acontecimentos, mas deve-se olhar com atenção à própria modernidade e analisar as suas conseqüências:

¹⁹⁰ “A Modernidade Líquida” obra publicada em 2001, por Zygmunt Bauman

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

“Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, poderemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, 1991: 12-13)

Giddens (2002) considera ainda que uma das principais características da modernidade tardia, como prefere chamar, a radicalização da *reflexividade*: cada vez mais as práticas sociais são revisadas mais rapidamente sob a luz de conhecimentos – estes, agora, produzidos mais rapidamente e em maior quantidade. Essa radicalização da *reflexividade* torna a modernidade tardia ainda mais imprevisível, e impede qualquer possibilidade de ordenamento racional da sociedade e do meio ambiente. Os sistemas peritos atuam como um dos principais meios por onde atua essa *reflexividade*, e são, na busca de oferecer soluções especializadas para os problemas, um gerador de novos problemas, pois:

“(…) quanto mais um problema é colocado e foco, tanto mais as áreas circundantes de conhecimento se tornam embaraçadas para os indivíduos que delas se ocupam, e tanto menos é provável que eles sejam capazes de antever as conseqüências de sua contribuição para além da esfera particular de sua aplicação.” (GIDDENS, 2002, p.35)

Dessa forma, Giddens considera que a modernidade nas condições da globalização amplia tanto as oportunidades quanto as incertezas e os perigos. Daí a sensação de mal-estar e de desorientação. O mundo tornou-se cada vez mais um lugar inseguro e essa insegurança é sentida pelo indivíduo em sua mais remota comunidade. A experiência da modernidade em tempos globais colocou por terra as certezas: as surpresas e os riscos estão sempre à espreita e o futuro parece uma impossibilidade se pensado enquanto construção histórica a partir do passado e do presente. A modernidade na globalização se assemelha a uma grande e perigosa aventura, à qual, independente da nossa vontade, estamos presos e temos que participar:

“A experiência global da modernidade está interligada – e influencia, sendo por ela influenciada – à penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana. Não apenas a comunidade local, mas as características íntimas da vida pessoal e do eu tornam-se interligadas a relações de indefinida extensão no tempo e no espaço. Estamos todos presos às experiências do cotidiano, cujos resultados, em um sentido genérico, são tão abertos quanto aqueles que afetam a humanidade como um todo. As experiências do cotidiano refletem o papel da tradição – em

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

constante mutação – e, como também ocorre no plano global, devem ser consideradas no contexto do deslocamento e da reapropriação de especialidades, sob o impacto da invasão dos sistemas abstratos. A tecnologia, no significado geral da “técnica”, desempenha aqui o papel principal, tanto na forma de tecnologia material da especializada expertise social”. (GIDDENS, 1991: 77)

A modernidade mina a confiança fundada nos valores tradicionais e pressupõe um novo ambiente em que possa se desenvolver a “**segurança ontológica**”, isto é, o “ser no mundo”.

De outra parte, Bauman começa por distinguir a modernidade em dois períodos: modernidade e pós-modernidade (1998; 1999); ou como tem preferido chamar em seus últimos trabalhos: modernidade sólida e modernidade líquida (2001; 2004; 2006).

Bauman (2001) chama de modernidade líquida essa nova fase da modernidade. Ele usa a idéia de liquidez em oposição da solidez, que seria a metáfora apropriada da primeira modernidade.

A modernidade sólida, para Bauman, é caracterizada, principalmente, através da idéia de projeto moderno. O projeto moderno seria o projeto de controle do mundo pela razão. Esse projeto consistia em tornar o mundo o “melhor possível dos mundos” através do ordenamento racional e técnico. São dois os elementos de destaque em sua análise do projeto moderno: os Estados-Nações e a ciência. Através desses dois elementos o projeto moderno seguia o caminho de sua realização. O Estado através de seu projeto:

(...) fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Esses critérios dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas ou arrancadas.” (BAUMAN, 1999, p.29)

Já a liquidez, para ele, estaria invadindo todos os setores da modernidade que antes eram sólidos. A economia se desterritorializou, e se tornou independente do local, o trabalho que antes era localizado, e vigiado em grandes fábricas, hoje é flexível, não depende mais da produção de bens materiais, não depende da localidade onde são produzidos, e muitas vezes nem mesmo dos que trabalham - esses passam a ser mão-de-obra flexível, cada vez com menos direitos trabalhistas. O poder que antes dependia da localidade também se tornou fluído, hoje não é necessário estar num local para manter ele sob controle, a própria distância e o nomadismo se tornaram estratégias de poder. Em meio a isso, o indivíduo se torna cada vez mais apto a escolher “livremente”, dentre

as opções que o mercado dispõe ao consumo. Suas possibilidades são infinitas, mas isso não faz dos indivíduos mais felizes: em meio a tantas possibilidades, as consequências de uma má escolha recaem sobre o indivíduo, não existem mais bases sólidas nas quais se apoiar caso tomem uma má decisão¹⁹¹.

Para Bauman, o projeto moderno, motor da modernidade sólida, realizava através dos Estados-Nações, uma eliminação da ambivalência. Tudo deveria ser conhecido e categorizado – para então ser controlado. Toda ambivalência – tudo que permanecesse duplo, confuso, “em cima do muro” – deveria ser eliminado. A ciência operou essa eliminação da ambivalência através da classificação do mundo, visando seu posterior uso técnico.

Por fim, Hall entende que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado.” (HALL, 1998, p.7) Para ele, as mudanças estruturais que tiveram início nas sociedades modernas no fim do século XX estão transformando com elas as idéias que temos de sujeito, e nossas formas de “exercer” uma identidade.

Segundo Hall “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado.” (HALL, 1998, p.7)

“Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’.” (HALL, 1998, p.75)

Para Hall, as mudanças complexas pelas quais passavam as sociedades modernas, é que fez surgir o sujeito sociológico.

É uma visão que surgiu por volta do fim do século XIX, mas se tornou muito aceita durante meados do século XX. Essa visão consistia na descoberta que o sujeito não era autônomo como se imaginava, que ele não poderia ser auto-suficiente, e de que sua identidade era construída num diálogo incessante com as pessoas da sociedade em que vive. O sujeito ainda tem sua individualidade, um “eu interior”, só que esse é

¹⁹¹ A questão da identidade em Giddens e Bauman - Alan Delazeri Mocellim, Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC - Vol. 5. n. 1 (1) agosto-dezembro/2008 ISSN 1806-5023

formado, e transformado, de acordo com as experiências do indivíduo no meio social. É uma noção de identidade que depende de uma estrutura social, e que não pode ser constituída independentemente dela. Podemos encontrar essa noção se desenvolvendo, inicialmente, nos trabalhos de Émile Durkheim, e pode-se dizer que também nos de Karl Marx e mesmo Sigmund Freud, mas ela chega a seu auge nos trabalhos dos interacionistas simbólicos, como Goffmann e Garfinkel (*apud* - Alan Delazeri Mocellim, *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* - Vol. 5. n. 1 (1) agosto-dezembro/2008 ISSN 1806-5023A *questão da identidade em Giddens e Bauman*).

Porém, Hall, acrescenta que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.” (HALL, 1998, p.12)

Tudo isso acontece em meio a um momento de intensa globalização. O desenvolvimento incessante das tecnologias de transporte e comunicação, cada vez mais liga o local ao global. A maior interdependência global leva a um colapso das identidades tradicionais, ligadas ao local, e produz uma diversidade cada vez maior de estilos e identidades (HALL, 1998). E se por um lado, o acesso a informações provenientes de muitos lugares do mundo hibridiza, por outro também homogeneiza, é um processo duplo. De um lado os locais, se misturam, e identidades que antes eram locais podem ser encontradas agora em qualquer local. De outro, certos padrões se encontram em todos lugares, padrões que se relacionam ao consumo.

Isto posto, conclui-se que as reflexões sobre a modernidade se contrapõem e se aproximam com grande estreiteza, conceituando e dando novas denominações, como podemos constatar na modernidade tardia ou alta modernidade de Giddens, modernidade líquida de Bauman ou pós-modernidade de Hall, todos para explicar as consequências da modernidade na vida do indivíduo. No tópico seguinte, analisaremos os reflexos desta modernidade ou em sua forma pluralizada “modernidades”, refletem no mundo do trabalho.

A modernidade e seus reflexos nas relações de trabalho

Neste tópico, analisaremos os reflexos da modernidade no mundo do trabalho, cujas transformações foram drásticas para melhor se adaptar às novas demandas do capital, decorrente do mundo globalizado, sintetizado pela modernidade.

E é aqui que se propõe de forma mais específica um diálogo entre os autores mencionados no tópico anterior com o objeto do tema de dissertação de mestrado “*A flexibilização das relações de trabalho a partir da década de 1970*”, cujos desdobramentos perpassam pelas transformações do próprio indivíduo.

O fato é que, assim como a identidade do indivíduo foi se transformando como consequência da vida moderna, o mundo do trabalho igualmente sofreu significativas metamorfoses, passou de manufatura para fordismo, posteriormente taylorismo e por fim a acumulação flexível. Transformações essas que alteraram a forma de ser da classe trabalhadora, como aponta Ricardo Antunes, ao observar que ela nunca esteve tão heterogênea, fragmentada e complexificada, num mundo globalizado.

Na visão de Bauman, a globalização se configura como um novo estágio na dinâmica capitalista de produção e organização do mundo instaurado após a efervescência do modelo de acumulação do capital, particularmente na atual conjuntura com sua face flexível (flexibilização da economia, das leis, das relações de trabalho, das relações de sociabilidade etc.), no entanto, essas mudanças do processo histórico capitalista não representaram mudanças eqüitativas do ponto de vista social, político ou econômico nas sociedades contemporâneas, na verdade, introduziram uma reconfiguração das necessidades mercadológicas de acumulação flexível do capital cuja consequência mais imediata é a liquidez dos valores políticos, jurídicos, culturais etc., das instituições e as relações sociais se moldando sob uma conjuntura moderna e globalizada (BAUMAN, 1999, 2000, 2006).

A questão proposta por Bauman é a de que o progresso se sustenta na autoconfiança em si mesmo e no desenvolvimento. O estágio da modernidade líquida no qual o progresso está inserido não é mais considerada uma medida temporária ou transitória que conduz a realização duradoura do bem-estar e viver, mas sim um desafio e uma necessidade perpétua e, quiçá, infundável de permanecer vivo e bem.

Para ele, a relação do trabalho onde o indivíduo tem se movimentado do estado sólido, com planejamentos de longo prazo, como trabalhar por anos a fio numa mesma empresa, até sua aposentadoria, cede lugar ao movimento curto, no qual o trabalhador articula e planeja algo em torno de dois movimentos futuros e deixa o sistema fluir.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

RICHARD SENNETT¹⁹², nos seus estudos sobre os efeitos do trabalho contemporâneo no carácter pessoal, procura demonstrar que a dinâmica de flexibilidade laboral pressupõe a fragmentação do tempo, é viver em risco e ambiguidade, é perder a noção de estabilidade, é a vida feita de sucessivos agoras e recomeços contínuos.

Por esta razão, o culto desta noção de organização das relações laborais e conseqüente reconfiguração do trabalho prevêem que as empresas procurem trabalhadores polivalentes que estejam disponíveis e receptivos a acompanhar o ritmo de mudança, que tenham competência para desenvolver novas capacidades no emprego de modo a se adaptarem a todas as situações que sejam exigidas pelas empresas. Hoje em dia, os trabalhadores têm que saber fazer “um pouco de tudo”. É esta força de trabalho, muitas vezes de carácter multicultural, que as empresas procuram, pois é a forma que têm de lutar e sobreviver num mercado globalizado.

No entanto, tal como lembra Giddens¹⁹³, estas novas formas de trabalho apresentarem, para muitos, grandes oportunidades, podem também produzir uma ambivalência profunda por parte daqueles que se sentem enclausurados num mundo em constante mudança. Para ele, a mudança brusca pode ser perturbadora. Os trabalhadores, em diversos tipos de ocupação, vivem hoje a precarização do trabalho, um sentimento de receio a respeito da estabilidade futura da sua posição e do seu papel no local de trabalho.

Naturalmente, esta nova arquitetura das relações laborais, movida pelas dinâmicas da flexibilidade, vem, inquestionavelmente, contribuir para um novo quadro de valores no trabalho e, de forma simultânea, gera um novo quadro de perspectiva e expectativas relativas ao trabalho, sendo a incerteza o denominador comum.

Neste ponto, oportuno salientar que a modernização reflexiva proposta por Giddens, tal como já referido no tópico anterior, é um processo contínuo pouco percebido e praticamente autónomo de mudanças que afeta as bases da sociedade industrial. O próprio capitalismo - que forjou esta sociedade industrial - é agente de sua transformação que culminou na acumulação flexível.

Assim, diante de uma realidade que não para de se alterar, as pessoas tendem a valorizar as antigas certezas da sociedade industrial criando momentos em que é necessário decidir entre uma convicção do passado e uma realidade transformadora.

¹⁹² SENNETT, Richard (2001). *A corrosão de carácter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Lisboa: Terramar. p. 17

¹⁹³ GIDDENS, Anthony (2009). *Sociologia*. 7 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 413

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Este confronto entre as convicções herdadas e as novas formas sociais conferem à modernização um caráter reflexivo. Para Giddens (1991), a reflexividade provoca exames e reformulações em práticas sociais, que são constantemente examinadas à luz de informações renovadas sobre as próprias práticas, alterando de forma constitutiva e contínua seu caráter.

No capitalismo moderno há a nova mentalidade que prega o curto prazo e os interesses do indivíduo não atrelados necessariamente do capital. A flexibilidade de ir e vir, o espaço virtual, a mobilidade de transitar por outras esferas apregoa que a vida no trabalho está sujeita a incertezas, o qual gera uma força individualizadora. Há uma fragilidade que permeia as relações no trabalho, um desengajamento unilateral. Entretanto, poderia ser acrescentado o aspecto bilateral, onde as partes envolvidas perseguem seus próprios objetivos e interesse independente, ou seja, o indivíduo e a empresa são entes independentes.

Os antigos funcionários cedem lugar aos colaboradores que têm menor laço com a empresa, na medida em que a relação de comprometimento no longo prazo se torna exígua. Os interesses das empresas e dos indivíduos não ficam claros para nenhuma das partes e assim para evitar uma frustração futura tendem a desconfiar de qualquer lealdade em relação ao local de trabalho ou projetos futuros.

No fundo, o trabalho no contexto da modernidade, condensa as incertezas quanto ao futuro e ao planejamento a longo prazo, a insegurança estabelecida nas relações e a falta de garantias entre as partes. No mundo do desemprego estrutural ninguém se sente suficientemente seguro ou amparado, ou seja, a flexibilidade é o termo que rege os novos tempos. Assim a satisfação instantânea é perseguida, ao contrário do adiamento da mesma, uma oportunidade não aproveitada é uma oportunidade perdida. Não obstante, a satisfação instantânea é a única maneira de sufocar o sentimento de insegurança, recolocada aqui, não a única, mas sim uma das formas para dominar o sentimento de insegurança, haja vista, que existem outros subterfúgios a serem aplicados no campo da psicologia com esse intuito.

Algumas considerações

Por fim, diante das reflexões ora propostas, observa-se que o estudo da modernidade, assume especial relevância para a compreensão das transformações da identidade, cujo processo de construção é constante diante das mutações da vida moderna. Da mesma forma, o processo de globalização refletidas no mundo do trabalho, ao acelerar as mudanças numa esfera ampliada, ampliam-se também as mudanças na

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

esfera do trabalho, que num contexto moderno as perspectivas são maximizadas e altamente céleres, o que não cabe dizer aqui se tais mudanças são positivas ou negativas, o que sugere uma discussão para um próximo trabalho.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo no Brasil**. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização: conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. **Liberdade ou Capitalismo**. São Paulo: editora UNESP, 2003.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva**. 1.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. (5. ed.) Petrópolis: Vozes, 2005

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura** (v.1) São Paulo: Paz e Terra.1999.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed.,

2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo, Loyola, 1993.

Mocellim, Alan Delazeri. **A questão da identidade em Giddens e Bauman.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC - Vol. 5. n. 1 (1) agosto-dezembro/2008 ISSN 1806-5023.

RODRIGUES, Leônicio M. **Trabalhadores, sindicatos e industrialização.** São Paulo: Brasiliense 1974.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter.** Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio/São Paulo, Record, 1999.